

# JULGAR:

## O DEVER DO CRISTÃO

por

Rev. Doug Kuiper

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto  
[felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

**Monergismo.com**  
*“Ao Senhor Pertence a Salvação”*

# JULGAR: O DEVER DO CRISTÃO

Rev. Douglas J. Kuiper

Publicado pelo *Byron Center Protestant Reformed*  
**Sociedade de Evangelismo**  
**1999**

1945 84th St.  
Byron Center, Michigan 49315  
(616) 878-1811

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>A VISÃO PREVALECENTE DE TOLERÂNCIA</b> .....	<b>7</b>
A EXPLICAÇÃO DESTA VISÃO .....	7
QUAL A EXPLICAÇÃO PARA ESTA VISÃO?.....	8
NOSSA AVALIAÇÃO DESTA VISÃO .....	9
<b>UMA ANÁLISE DAS PASSAGENS PERTINENTES DA ESCRITURA</b> .....	<b>12</b>
PRINCÍPIO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA .....	12
PASSAGENS QUE PARECEM APOIAR A TOLERÂNCIA .....	13
PASSAGENS QUE NOS ORDENAM JULGAR.....	16
CONCLUSÃO .....	18
<b>UMA EXPLICAÇÃO POSITIVA DESTE DEVER</b> .....	<b>19</b>
O QUE É JULGAR?.....	19
O QUE DEVEMOS JULGAR?.....	20
DE QUEM É O DEVER DE JULGAR?.....	21
COMO DEVEMOS JULGAR? .....	22
QUE INCENTIVO TEMOS PARA JULGAR? .....	23
CONCLUSÃO .....	23

## PREFÁCIO

O centro das atenções de Byron Center (Michigan) durante o ano letivo de 1996-1997 foi o professor de música da escola pública local, que tinha se “casado” com seu amante homossexual. Este “casamento” não foi muito bem aceito pelo povo de Byron Center, e muitos foram da opinião que tal homem não deveria estar ensinando seus filhos; no final, eles conseguiram a demissão do professor. A atitude destes pais, conseqüentemente, produziu a ira de muitos na comunidade mais ampla contra os cidadãos de Byron Center. Escrevendo a seção “Pulsção Pública” do *Grand Rapids Press*, muitos rotularam as pessoas de Byron Center como intolerantes, julgadoras, hipócritas, pomposas, farisaicas, arrogantes, fanáticas, mesquinhas e odiosas. A mensagem da comunidade mais ampla aos habitantes da cidade foi clara: não devemos julgar as ações e crenças dos outros.

Este pensamento de que não podemos julgar as ações e crenças dos outros é o espírito da nossa era. E ele é errôneo. Numa tentativa de atacar esta forma de pensamento, a Sociedade de Evangelismo da Igreja Reformada Protestante de Byron Center publica este panfleto, com o desejo de que Deus seja glorificado e seus santos encorajados a julgar corretamente. Nossa oração para o leitor é aquela de Paulo pelos filipenses: “E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus” (Filipenses 1:9-11).

## INTRODUÇÃO

A tolerância é a palavra-chave dos nossos dias. É-nos dito que devemos tolerar as idéias, palavras e ações de cada e todo segmento da sociedade. Não podemos julgar o caráter de outras pessoas, mas devemos aceitá-las da forma que são. O que nossos oficiais eleitos fazem em suas vidas privadas não deve influenciar nossa visão das suas qualificações para o cargo público. Devemos aceitar o estilo de vida dos homossexuais como alternativas (viáveis!) às nossas. Devemos ceder aos caprichos e desejos das feministas. Não devemos falar de Deus, para não irar os ateístas.

Esta atitude de tolerância é encontrada até mesmo na igreja (por todo o mundo) de hoje. Muitas pessoas, alegando ser cristãs, prontamente nos lembram das palavras de Jesus que não devemos julgar (Mateus 7:1) e que não podemos jogar uma pedra, pois não somos melhores que a outra pessoa (João 8:7). Esta atitude expressa confusão na igreja cristã, incluindo igrejas que são Reformadas em sua herança. A heresia não é mais denunciada, e os heréticos não são mais disciplinados. O ensino fundacional do Cristianismo – que Jesus Cristo, o Filho de Deus que veio em carne, é o nosso único e completo Salvador – é negado. Somos ordenados a tolerar o pensamento religioso dos não-cristãos, pois toda religião tem um elemento de verdade nela, e porque a salvação não é exclusivamente para os cristãos. Devemos tolerar também em nossas igrejas as ações pecaminosas de outros. Não é da nossa conta se duas pessoas não casadas vivem juntas! Não é da nossa conta se um membro da nossa congregação pratica homossexualismo! Não devemos julgá-los.

Considerando este triste estado de coisas na igreja de hoje, não é surpreendente tomar conhecimento que o texto mais frequentemente citado da Escritura não é mais João 3:16, mas Mateus 7:1, como recentemente ouvimos de um locutor de rádio. No passado éramos lembrados: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira...”. Este versículo, erroneamente interpretado como ensinando a mentira do Arminianismo de que Deus ama toda pessoa, tinha a intenção de confortar toda pessoa que cria nele. “Deus me ama! Tudo está bem comigo!”. Hoje somos lembrados: “Não julgue!”. Esta mudança parece ser lógica. Se Deus me ama e cada outra pessoa, então ele não encontra nenhuma falta em nós, nossas ações e nossas idéias. E se ele não encontra nenhuma falta em nós, não deveríamos encontrar nenhuma falta uns nos outros. Contudo, a lógica falha. Ela procede de uma premissa errada, que Deus ama todo homem, e de uma suposição errada, que um Deus que ama uma pessoa ignora ou tolera os pecados da mesma. Assim, a conclusão também é errônea. Na realidade, a mudança do texto da Bíblia mais frequentemente citado indica a impiedade crescente da nossa sociedade. No passado, Deus recebia a ênfase, embora erroneamente entendido. Agora a ênfase cai sobre o homem, ao ponto que em certas situações, devemos ser

cuidadosos para não mencionar o nome de Deus! O homem é deus, livre para construir suas próprias idéias de moralidade. E o fundamento básico para a moralidade é seu pensamento: “Eu sou bom. Você é bom. Concordemos em não achar nenhum mau em ninguém”.

Há um grupo de pessoas, contudo, que a sociedade permite que julguemos, e para com quem podemos ser intolerantes: aqueles que julgam a moralidade moderna como errônea, e não a toleram! Neste último grupo os cristãos verdadeiros devem encontrar a si mesmos, e a verdadeira igreja de Jesus Cristo deve encontrar a si mesma. Devemos julgar a visão prevalecente de tolerância como errônea, pois ela não é bíblica. A Escritura é a única base para a nossa moralidade.

Neste panfleto examinaremos em maior detalhe a visão prevalecente de tolerância à luz da Escritura. Nossa conclusão será que esta visão é perigosa, ímpia e anti-bíblica. Examinaremos então em detalhe as passagens da Escritura que são mais pertinentes ao assunto. A partir destas passagens, veremos que julgar é o chamado de Deus para o cristão. Embora Deus coloque algumas restrições sobre como devemos julgar e mostrar intolerância, ele não nos proíbe de sermos intolerantes.

## A VISÃO PREVALECENTE DE TOLERÂNCIA

### A explicação desta visão

Esta visão que prevalece hoje pode ser explicada adicionalmente a partir de um ponto de vista negativo e positivo.

Negativamente, a visão é que nossa atitude para com as idéias ou ações de outros nunca deve ser uma de intolerância. Uma atitude de intolerância é errônea por diversas razões, somos informados. Primeiro, ela manifesta ódio; assim, é moralmente errada. O próprio Deus condena a intolerância ao proibir-nos de julgar (Mateus 7:1) e ao nos ordenar que amemos uns aos outros. Tolerância é uma expressão de amor. Em segundo lugar, esta atitude revela arrogância da nossa parte ao pensar que somos melhores que a outra pessoa, que nossa visão é a única correta, e que nossa maneira de fazer as coisas é a única certa. Este pensamento arrogante nega a bondade inerente de cada pessoa, que foram criadas à imagem de Deus (de acordo com os proponentes da tolerância). Uma atitude de intolerância é errônea, em terceiro lugar, porque por ela julgamos uma pessoa sem tentar entendê-la ou o que a faz agir ou pensar da forma que o faz.

Porque esta atitude de intolerância é errada, não devemos demonstrar a mesma falando contra as idéias ou práticas de outros. Não devemos condenar aqueles que favorecem e praticam o aborto, pois não entendemos as dificuldades que a mulher grávida suporta e suportará se ela tiver o seu bebê. Não devemos condenar a homossexualidade, pois Deus criou os homossexuais à sua imagem, e sua orientação sexual é uma parte desta criação. Além do mais, os homossexuais são tão capazes quanto os heterossexuais de guardar de lei de Deus com respeito ao amor, sendo féis aos seus parceiros. Não devemos condenar aqueles cujas visões teológicas, sociais ou políticas difiram das nossas, pois Deus deu a cada um de nós uma mente, e cada um de nós é livre para usar a mente da forma que desejar. Em adição, o fato que a Bíblia tem sido interpretada de muitas maneiras diferentes por muitas pessoas, igrejas e denominações diferentes, indica que não há uma única visão correta da Bíblia e dos seus ensinamentos.

Declarado de uma maneira positiva, esta visão prevalecente é que devemos tolerar aqueles que diferem de nós em pensamento e prática. Tal tolerância incluiria amor, compaixão e entendimento pelos outros. Em adição a tolerar estas pessoas, deveríamos *aprovar* suas visões e práticas como legítimas. Talvez nossas visões e práticas ainda diferirão das outras pessoas, mas não porque a nossa é inerentemente correta e a deles inerentemente

errônea, pois todas as pessoas, a despeito de suas visões e práticas, são pessoas boas.

Esta visão de tolerância tem implicações específicas para a igreja de Cristo. Primeiro, não devemos pregar um evangelho exclusivo de salvação através de Cristo somente. Não devemos ver os ensinamentos de outras religiões – Judaísmo, Mormonismo, Budismo e todas as outras – como inerentemente errôneas. Não podemos dizer ao judeu, mórmon ou budista que ele deve se arrepender dos seus pecados contra os quatro primeiros mandamentos da lei de Deus, e chegar ao conhecimento do Deus verdadeiro que se revelou em Cristo. Antes, devemos aprovar os ensinamentos do Judaísmo, Mormonismo, Budismo e outras religiões; apresente-as como alternativas viáveis para a fé cristã; e encoraje os membros das nossas igrejas a incorporar em suas vidas tudo de bom encontrado nestes ensinamentos.

Segundo, isto afeta nossa obra missionária. Nossa obra missionária não deve consistir de levar os outros à fé e ao arrependimento, mas de ajudar o pobre, o enfermo, e outros que necessitem de ajuda física e econômica. Deveríamos também ser mais ambiciosos em desenvolver contatos com outras religiões, descobrindo os bons aspectos de seus ensinamentos e práticas, e incorporando-os aos nossos próprios ensinamentos e práticas.

Terceiro, não devemos disciplinar aqueles que cremos estar vivendo em pecado ou ensinando o que é contrário ao nosso entendimento das verdades fundamentais da Escritura. Antes, lembrando que todos nós pecamos, devemos permitir que os membros que estão vivendo em pecado permaneçam como membros ativos, participando livremente da mesa do Senhor. Devemos até mesmo encontrar algo de bom em suas ações, e recomendar que outros membros sigam o bom exemplo que este membro de alguma forma mostrou. Uma pessoa que imite mais a Jesus verá a outra pessoa como um irmão, fará que ela se lembre que é uma boa pessoa, encorajá-la-á em seu pecado, e lembrá-la-á que Deus está satisfeito.

### **Qual a explicação para esta visão?**

Certamente, a depravação natural do homem é uma explicação. O homem por natureza é capaz de fazer e pensar somente o que é mal. Esta visão é outro exemplo do desrespeito do homem para com a Palavra de Deus, e pelo próprio Deus. A Palavra de Deus diz que o homem é um escravo do pecado por natureza. O homem, contudo, alega ser livre, e insiste em manifestar esta liberdade fazendo o que deseja fazer. A mulher grávida insiste em sua liberdade de escolher viver sua própria vida, abortando seu filho. O homem insiste em sua liberdade de escolher amar outro homem.



Contudo, esta explicação não explica suficientemente o porquê a igreja no mundo inteiro tem adotado esta visão. Eis algo que explica isso: o fato de que a igreja tem, como uma regra geral, se conformado ao mundo em cada área da vida, falhando em viver de forma antitética.<sup>1</sup> Como fundamento deste fracasso está o fato que a igreja perdeu sua consciência da santidade de Deus. Sua grande mensagem tem sido o amor de Deus, mas ela divorciou o seu amor da sua santidade. Se a igreja puder uma vez mais entender o que significa Deus ser santo, ela entenderá a necessidade de se separar das idéias e práticas do mundo, denunciar o pecado como pecado, e pregar que o Deus amoroso, Jesus, odeia o pecado e pune os pecadores por causa dos seus pecados.

### **Nossa avaliação desta visão**

Os cristãos devem avaliar esta visão como perigosa, ímpia e anti-bíblica.

A visão é perigosa porque leva à acomodação adicional da igreja com o mundo, em violação ao seu chamado. Deus chama a igreja à viver de maneira antitética, isto é, viver em oposição ao pecado e ao mundo, e em devoção a Jeová. A igreja vive antiteticamente, não pretendendo que o pecado seja bom, mas declarando que o pecado é pecado, e disciplinando aqueles que impenitentemente vivem uma vida pecaminosa. Ela vive antiteticamente também ao pregar a verdade de Deus, apontando a mentira de Satanás que se opõe à verdade, e disciplinando aqueles em seu meio que promovem consciente e impenitentemente a mentira.

Falhando em viver antiteticamente, a igreja está em perigo de se tornar o mundo, e de não mais ser a igreja de Deus. Ao viver e pensar como o mundo, ela mostra que não é fundamentalmente diferente do mundo, como Deus a chama para ser. Assim, perdeu-se seu atributo de santidade. Ao ensinar aquilo que é contrário à Escritura, ela mostra que não está firmemente fundada sobre a doutrina dos apóstolos e profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a pedra angular, como Deus a chama para ser. Assim, perdeu-se outro atributo, aquele da apostolicidade. Falhando em ser santa e apostólica, ela não tem nenhum direito de chamar a si mesmo de igreja, pois não é diferente do mundo.

O perigo desta visão, então, é o mesmo do perigo do veneno. O veneno pode parecer inofensivo, e até mesmo palatável, mas é ingerido para a

---

<sup>1</sup> O livro de Francis A. Schaeffer intitulado *The Great Evangelical Disaster* (Westchester, IL: Crossway Books, 1984) desenvolve a tese de que a igreja no século vinte se conformou ao mundo. Esta tese é anunciada na página 37: “Aqui está o grande desastre evangélico – o fracasso do mundo evangélico em representar a verdade como verdade. Há somente uma palavra para isto – a saber, acomodação: a igreja evangélica se acomodou ao espírito mundano dessa época”.

própria destruição da pessoa. As idéias e práticas do mundo são um veneno que pode parecer atrativo para alguns, mas quando a igreja tolera e aprova-as, ela o faz para a sua própria destruição. Esta destruição não é simplesmente uma questão da igreja falhando em ser distinta do mundo nesta vida, mas é também uma destruição eterna. O Deus que julga justamente julgará aqueles que impenitentemente ensinam falsa doutrina, e que vivem em imoralidade sem arrependimento. Atentando para esta advertência, a igreja não deve se conformar ao mundo, mas ser transformada (Romanos 12:2)!

Nossa segunda avaliação desta visão de tolerância é que, apesar de toda sua aparente piedade, ela é de fato ímpia. Os vários apelos à Escritura e ao atributo do amor de Deus em defesa desta visão podem parecer piedosos. Há a menção de um deus – um que aprova a tolerância e se importa com aqueles que são vítimas da intolerância, ódio, inveja e maldade.<sup>2</sup> Há também a menção de um céu – o lugar onde as vítimas de tal intolerância são levadas quando a “perseguição” delas termina em morte.

A despeito desta aparente piedade, a visão é ímpia pelo fato de rejeitar Jeová como o Deus cuja Palavra é o padrão para a vida e doutrina. Que devemos tolerar, aprovar e abraçar as idéias e práticas de outros não é a Palavra de Deus, mas do homem! O homem tem colocado a si mesmo como um juiz do certo e do errado. E o homem diz: “A tolerância é certa! A intolerância é errada!”.

Que isto é realmente o que o homem tem feito, torna-se evidente quando consideramos que a própria sociedade, e não a Palavra de Deus, decide em que situações a tolerância é certa, e em que situações certa intolerância é permissível. A Palavra de Deus claramente proíbe o assassinato, no sexto mandamento: “Não matarás” (Êxodo 20:13). Mas a sociedade, embora condenando o assassinato de uma criança de dois anos ou de um adulto de quarenta e oito anos, tolerará o assassinato de bebês em gestação e, em muitos casos, o assassinato de alguém terminalmente doente que deseje uma morte digna. A Palavra de Deus claramente proíbe o adultério e todas as perversões sexuais, declarando que o sexo é permissível somente entre um marido e uma esposa. Isto é feito no sétimo mandamento, “Não adulterarás” (Êxodo 20:14), bem como em outras passagens (cf. 1Coríntios 5:1-5 e Hebreus 13:4). Mas a sociedade, embora intolerante para com a pornografia e moléstia infantil, todavia permite o adultério e a fornicação de todos os tipos, e clama por tolerância na questão do homossexualismo. Quando diz respeito à

---

<sup>2</sup> Este foi o tema também de várias cartas na seção “Pulsção Pública” do *Grand Rapids Press*. Deus amava o professor homossexual, e com a sua morte (o professor morreu em Dezembro de 1996 ou Janeiro de 1997) trouxe-o para um lugar melhor, onde estava livre de perseguição, disse um escritor. Outro escritor aplicou Romanos 8:18 ao professor, e orou para que ele pudesse descansar em paz.

pergunta “O que é a verdade?”, a sociedade tenta dar sua própria definição, ignorando Jesus Cristo e as Escrituras como verdade.

Estas inconsistências revelam que o homem abandonou Deus Jeová e sua Palavra como o padrão de certo e errado. Os homens não querem que Deus lhes diga o que fazer! O homem será o juiz do certo e do errado. Qualquer apelo à Escritura para apoiar a visão prevalecente de tolerância não procede de uma visão da Escritura como a Palavra de Deus, mas de uma visão da Escritura como sendo o registro do pensamento da sociedade no passado. Na Bíblia, um texto pode ser encontrado aqui e acolá para mostrar que a sociedade no passado também aparentemente condenou a intolerância.

Isto nos leva à nossa terceira e fundamental avaliação desta visão: ela é anti-bíblica. Talvez você possa ouvir alguém perguntando: “O que você quer dizer com anti-bíblico? Você já olhou para Mateus 7:1, João 8:11 e João 13:34?”. Contudo, o fato é que muitas pessoas interpretam estas passagens erroneamente. As passagens não ensinam o que aqueles que as usam para promover esta visão de tolerância dizem que ensinam!

Devemos examinar estas e outras passagens pertinentes da Escritura para mostrar que, ao invés de ordenar a tolerância de idéias e práticas dos outros, a Escritura proíbe tal coisa e requer que julguemos.

# UMA ANÁLISE DAS PASSAGENS PERTINENTES DA ESCRITURA

## Princípio de interpretação bíblica

Será útil desde o começo apresentar uns poucos princípios que devem nos guiar em nossa interpretação da Escritura. Conhecer e aplicar estes princípios nos prevenirá de chegar a um entendimento errôneo dos ensinamentos da Escritura sobre este assunto.

Que a Bíblia é a Palavra de Deus é o princípio mais fundamental. *Toda* Escritura é a Palavra de Deus, de acordo com 2Timóteo 3:16. Isto significa que não encontraremos nenhuma contradição na Bíblia, mas somente a verdade, pois Jeová é o Deus da verdade, e sua Palavra é a verdade (João 17:17). Portanto, podemos estar certos de que não encontraremos na Escritura alguns textos que, propriamente entendidos, permitirão a intolerância e outros que a condenarão; antes, encontraremos uma única e consistente verdade com respeito a este assunto. Além do mais, porque Deus faz sua verdade *claramente* conhecida, esperamos que a Escritura declarará esta verdade claramente.

Um segundo princípio fundamental é que a Escritura interpreta a Escritura. Isto significa que quando examinamos a Escritura para ver o que ela ensina sobre um assunto, devemos examinar *todas* as passagens pertinentes. Se ao fazer isso, encontrarmos alguns versículos que *parecem* contradizer outros, devemos primeiro chegar ao entendimento do versículo mais fácil, e então seremos capazes de explicar o versículo mais difícil em sua luz.

Terceiro, devemos lembrar que, para entender um texto da Escritura corretamente, devemos considerá-lo à luz do seu contexto. Uma parte da Escritura – quer um versículo inteiro, vários versículos, ou parte de um versículo – não pode ser legitimamente usada para apoiar idéias ou ações de alguém se o texto não for explicado à luz do seu contexto. O contexto frequentemente qualificará o ensino do texto, indicando mais especificamente *em que situações* um mandamento se aplica, ou *como* um mandamento deve ser cumprido.

Nossa análise de várias passagens da Escritura que se relacionam ao tópico de julgamento e tolerância procederá sobre a base destes princípios. Porque a palavra “julgar” e seus pronomes e formas verbais são usados muitas vezes na Escritura, não tentaremos examinar cada texto no qual ela é encontrada. Antes, nos focaremos sobre as principais passagens que são usadas para apoiar a idéia de tolerância, e explicaremos brevemente umas

poucas passagens que claramente exigem que o filho de Deus discirna entre o certo e o errado.

## Passagens que parecem apoiar a tolerância

### Mateus 7:1

Das passagens que são usadas para apoiar a idéia de tolerância, Mateus 7:1 é talvez a mais frequentemente citada. Lemos assim o texto: “Não julgueis, para que não sejais julgados”. É claro que Jesus aqui proíbe o julgamento. A questão, contudo, é se Jesus proíbe *todo* julgamento, ou somente *certo tipo* de julgamento. O versículo 1 por si mesmo não nos dá uma resposta para esta pergunta. Aqueles que citam somente o versículo 1 para condenar a intolerância, ignoram o contexto, os versículos 2-5, e assim, assumem que o versículo proíbe todo e qualquer julgamento e intolerância. Contudo, alguém que leia os versículos 2-5 verá que Jesus não proíbe todo julgamento, mas somente o julgamento *hipócrito*. O texto em seu contexto (Mateus 7:1-5) é o seguinte:

*Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrito! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.*

Jesus diz aos judeus no versículo 1 que eles não devem julgar. No versículo 2, ele dá a razão pela qual eles não devem julgar: o padrão que eles usam para julgar os outros será o mesmo padrão que os outros usarão para julgá-los. Eles não devem ignorar seus próprios pecados, enquanto condenando os mesmos pecados nos outros. Fazer isto é julgar com um padrão duplo, julgar hipocritamente. “Não é hipócrito condenar o irmão por uma pequena falta, ou mesmo tentar ajudá-lo a sobrepujá-la, quando você mesmo é culpado de uma falta maior?”. Esta é a questão que Jesus estava colocando diante do povo.

Note que o pecado dos dois pecadores (a pessoa e seu irmão) é o mesmo em dois aspectos. Primeiro, é o mesmo em natureza: em ambos os casos um pedaço de madeira estava no olho da pessoa. Segundo, ambos estão atualmente pecando: o pedaço de madeira estava no olho deles naquele momento. A diferença entre as suas faltas é somente uma de tamanho: um pedaço é pequeno, e o outro é grande. É hipocrisia alguém cujo pecado é maior condenar alguém cujo pecado é menor, sendo em ambos os casos o

mesmo tipo de pecado (cf. v. 5). Em outras palavras, uma mulher que está abortando um feto de oito meses não está na posição de repreender um homem que mata um caixa de banco, e o homossexual não está na posição de criticar infidelidades num casamento heterossexual!

Mateus 7:1, tomado em seu contexto, não proíbe todo julgamento e intolerância, mas somente o julgamento e intolerância hipócrita. De fato, ele requer de nós que, após nos arrependermos dos nossos próprios pecados, condenemos o pecado do irmão como pecado, e ajudemo-lo a se voltar dele. “Tira primeiro a trave do teu olho”, diz Jesus, “e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão” (v. 5). Jesus ordena uma intolerância *genuína*, e não *hipócrita*, do pecado que o irmão comete.

### João 8:7,11

João 8:7 e 11 também são importantes. O contexto é a história da mulher que foi pega no próprio ato de adultério e trazida a Jesus pelos escribas e fariseus. No versículo 7, Jesus diz aos escribas e fariseus: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. No versículo 11 ele fala para a mulher: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais”. Os defensores da tolerância usam estas palavras para argumentar que ninguém deveria condenar outras pessoas, pois não é melhor que elas.

Embora explicaremos o que significa julgar em maior detalhe mais tarde, entendamos por ora que, quando alguém julga, ela dá um veredicto: culpado ou inocente. Após ser julgada, a pessoa é sentenciada: a pessoa culpada é condenada (sentenciada ao castigo) e a inocente é liberta. O ponto é que julgar e condenar são duas coisas distintas, relacionadas, mas não idênticas.

Tendo isto em mente, note que Jesus de fato julga esta mulher, mas não a condena. Ao dizer-lhe “vai e não peques mais”, Jesus indica que ela *tinha* pecado. Em si mesma, a acusação dos fariseus estava correta, e Jesus julgou o pecado como sendo pecado. Isto mostra *intolerância* pela ação pecaminosa! Seguindo o exemplo de Jesus, devemos dizer aos pecadores que mostrem arrependimento genuíno não mais cometendo pecado.

Embora Jesus tenha julgado a mulher, ele não a condenou. Ela pôde ir embora; ela não foi executada. O evangelho para o pecador penitente é: “Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito” (Romanos 8:1, ARC). Esta é a mensagem que Jesus dá à mulher: o próprio Jesus foi

condenado por ela! Ele suportou o castigo que lhe era devido, para que ela pudesse ser livre!

A resposta de Jesus aos fariseus expõe o julgamento hipócrita deles no assunto (o propósito primário deles, certamente, não tinha nada a ver com a mulher; era pegar Jesus em suas próprias palavras. Todavia, Jesus sabia que os fariseus se orgulhavam da justiça própria deles, e respondeu à luz deste fato). Os fariseus, Jesus recorda-os, também eram culpados de pecado, e especificamente de adultério, quer físico ou no coração. Porque também não eram livres de pecado, também eram dignos de morte como ela. Assim, ao desejar saber que julgamento ela deveria ter recebido, eles revelaram sua própria hipocrisia e motivação errônea.

João 8:7 e 11 nos ensinam como tratar com outros que pecam. O versículo 11 nos ensina que devemos desejar o arrependimento do pecador; o versículo 7 nos ensina que não devemos fazer isso hipocritamente, nem com motivos errôneos ou de uma maneira imprópria. Contudo, a passagem não quer dizer que nunca devemos considerar as pessoas responsáveis por seus pecados (isto é, julgar o pecado como sendo pecado).

### **João 13:34**

Mais uma passagem que é frequentemente citada é uma na qual somos ordenados a amar uns aos outros. Na verdade, muitas passagens na Escritura dão este mandamento. João 13:34 é uma delas. Ali lemos: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros”.

O que é amor, e o que envolve? O amor é um vínculo de amizade, que se manifesta na busca do bem da outra pessoa. Isto pode significar buscar o bem da outra pessoa materialmente: se ela está faminta, sedenta, com frio ou nua, devemos cuidar das necessidades físicas desta pessoa. Isto poderia envolver buscar o bem espiritual da pessoa. Se ele ou ela está andando num caminho que é contrário à lei de Deus e assim desagradando ao Senhor, devemos procurar tirar essa pessoa do seu caminho pecaminoso, em amor por esta pessoa.

Em João 13:34, Jesus não ordena todo mundo a amar. O mandamento vem para os seus discípulos – os doze a quem Jesus especialmente escolheu para segui-lo durante seu ministério terreno. O mandamento não veio nem mesmo para *todos* os doze, mas somente para onze deles. Um deles, Judas Iscariotes, que mais tarde revelaria seu ódio por Jesus ao traí-lo, não estava presente. Que os onze discípulos foram os únicos a quem Jesus falou é significativo. Como Jesus amou estes onze, eles deveriam amar uns aos outros!

O mandamento não significa que todos os homens devem amar todos os homens; antes, significa que na igreja (representada pelos onze discípulos), os santos devem amar uns aos outros assim como Jesus amou a igreja, entregando-se por ela.

Tal amor não exclui a intolerância de idéias ou ações erradas nos nossos irmãos. O verdadeiro amor busca a salvação do próximo. Assim, o verdadeiro amor procura desviar o santo dos seus pecados (Tiago 5:20).

### **Romanos 2:1-3**

Outra passagem que, embora aparentemente não usada pelos defensores da tolerância, parece apoiar sua posição é Romanos 2:1-3, onde lemos:

*Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas. Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que praticam tais coisas. Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus?*

O “homem” a quem Paulo se dirige deve ser entendido como sendo todo e qualquer homem. Paulo, tendo explicado na última parte do capítulo 1 os pecados aos quais o mundo se entrega (note o contexto!), diz agora que todo e qualquer homem que condena estes pecados, enquanto praticando os mesmos, é indesculpável. Podemos esperar o julgamento de Deus sobre nós, se vivemos nos mesmos pecados que condenamos nos outros! O ponto de Paulo é também advertir contra o julgamento hipócrita – uma advertência que todos precisam. Contudo, o texto não nos proíbe de julgar *corretamente*

### **Passagens que nos ordenam julgar**

#### **João 7:24**

Outras passagens da Escritura nos ordenam positivamente a julgar. Uma passagem que faz isso claramente é João 7:24. Ela se encontra no contexto da discussão de Jesus com os judeus que questionaram sua doutrina, e tinham-no acusado de ter um diabo (João 7:20) e de quebrar o dia do Sábado curando um homem (João 5:1-16). A eles Jesus diz: “Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça”. Ao dizer “não julgueis”, Jesus não pretende proibir o julgamento como tal, mas proibir certo tipo de



juízo, como a parte positiva deste versículo deixa claro. Podemos julgar, mas quando o fizermos, devemos julgar justamente.

O julgamento exterior e superficial – isto é, julgar simplesmente sobre a base do que *parece* ser o caso, sem conhecer todos os fatos – é um julgamento imprudente, injusto e sem discernimento, que é contrário ao nono mandamento da lei de Deus. Deus odeia tal julgamento. O julgamento justo é feito usando a lei de Deus como o padrão pelo qual discernimos se o que parece ser é o caso é realmente o caso.

## 1 Coríntios 5

1 Coríntios 5 é um capítulo importante com respeito ao dever positivo de julgar. Primeiro, no versículo 3 Paulo declara, sob a inspiração do Espírito, que ele tinha julgado um membro da igreja em Corinto que estava vivendo no pecado de fornicção. Seu julgamento foi “seja entregue [tal pessoa] a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus” (ARC). Este é um julgamento ousado da sua parte.

Segundo, nos versículos 9-13, Paulo lembra aos santos do seu dever de julgar as pessoas que estão dentro da igreja, quanto a se eles estão obedecendo ou não à lei de Deus. Aqueles que alegam ser cristãos e são membros da igreja, mas que são julgados como sendo impenitentemente desobedientes a qualquer mandamento da lei de Deus (cf. vs. 9-10, que não é uma lista exaustiva), devem ser excluídos da comunhão da igreja. Paulo, sob a inspiração do Espírito, diz para a igreja não tolerar pecadores impenitentes.

## Outras passagens

Outras passagens também indicam que é nossa responsabilidade julgar. Jesus pergunta às pessoas em Lucas 12:57: “E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?”. Jesus repreende os escribas e fariseus em Mateus 23:23 e Lucas 11:23, dizendo: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezais o mais importante da lei, o *juízo*, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer essas coisas e não omitir aquelas” (ARA, ênfase adicionada). Era o dever deles, de acordo com a lei, julgar – mas eles tinham falhado neste dever. Paulo orou para que o amor dos filipenses “aumentasse mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção” (Filipenses 1:9). Ele diz aos coríntios: “Falo como a criteriosos; julgai vós mesmos o que digo” (1 Coríntios 1:15).

## **Conclusão**

Algumas passagens da Escritura parecem proibir o julgamento, enquanto outras claramente exigem isso. Estudando os contextos daquelas que parecem proibir o julgamento, descobrimos que o que é proibido não é realmente o julgamento em si, mas sim um tipo errôneo de julgamento. Deus odeia o julgamento hipócrita! Mas Deus ama o julgamento justo da parte dos seus filhos. Que ele ama isso é claro a partir do fato de ordenar que o pratiquemos, e de ter dado sua lei como um padrão pelo qual podemos cumprir tal mandamento.

Portanto, é o dever do cristão julgar.

## UMA EXPLICAÇÃO POSITIVA DESTE DEVER

### O que é julgar?

Julgamento envolve dois fatores principais. Primeiro, envolve um pronunciamento com respeito a se algo é certo ou errado. Isto é ser crítico. De fato, o substantivo “juiz” no Novo Testamento da nossa Almeida Revista e Atualizada é, na maioria das vezes, a tradução do substantivo grego *krites*, do qual derivamos nossa palavra “crítico”.

Ao ser crítico, uma pessoa faz várias coisas. Primeiro, ela observa uma ação ou ouve uma opinião de outra pessoa. Segundo, ela avalia o que observou, considerando os aspectos ou implicações positivas e negativas da ação ou opinião. Terceiro, ela chega a uma conclusão e expressa uma opinião com respeito a se o que observou é bom ou ruim. Para usar o exemplo de um juiz que deve adjudicar um caso criminal, diríamos que ele primeiro recebe a evidência contra o acusado, então pesa a evidência, e finalmente expressa sua conclusão com respeito à inocência ou culpa do acusado.

O segundo fator principal envolvido no julgamento é aquele da sentença. Se o juiz descobre que o acusado é culpado do crime, então ele sentencia-o a um castigo apropriado. Se o juiz descobre que o acusado é inocente, então o deixa livre de castigo. Ordenar a libertação de alguém que foi absolvido também é uma sentença: a pessoa inocente merece viver.

Ao dizer que o cristão deve julgar, temos em mente primariamente o primeiro sentido de julgar, ou seja, o de decidir o que é certo e o que é errado. Todo julgamento cristão deve envolver tal determinação. Contudo, somente em poucos casos nosso dever de julgar envolverá também pronunciar uma sentença. Por exemplo, quando um conselho excomunga um pecador impenitente da igreja, uma sentença é pronunciada – uma de morte, de vida apartada de Deus, de exclusão também do céu (Mateus 16:19). Mesmo em tal caso, esta sentença é sempre dependente da impenitência continuada do pecador. O conselho nunca a pronuncia absolutamente, pois Deus é o juiz supremo que dá a sentença final. Em muitos casos, o cristão que julga se as ações de outro são corretas ou erradas, deve deixar a sentença com Deus. O motivo disso é que, embora todos nós pequemos e mereçamos morrer por causa dos nossos pecados, *Cristo* suportou a sentença de morte pelos pecados dos filhos de Deus, sendo que ele não suportou este castigo por aqueles que não são filhos de Deus. Deus sentenciará ao castigo eterno aqueles que não são seus filhos, e à vida eterna aqueles a quem Cristo redimiu.

## O que devemos julgar?

Não podemos julgar algumas coisas. Se uma outra pessoa é eleita ou não, ou se a fé que ela professa é genuína ou não, é conhecido somente por Deus, e não nos é revelado (1Timóteo 2:19). Alguns podem objetar dizendo que podemos de fato determinar se a fé de outra pessoa é genuína ou não, pois podemos julgar pelas obras que tal pessoa realiza; pois a verdadeira fé produz boas obras (Tiago 2:18,26), e boas árvores não podem produzir mal fruto, nem árvores más produzir bom fruto (Mateus 7:18). Contudo, ao dizer isto, a pessoa deve estar certa que está olhando para o *fruto*, não simplesmente para o fruto num *gau* que nem todo filho de Deus sempre produz. Pois, embora todo filho de Deus de fato produza bom fruto, permanece o fato que todo filho de Deus sempre dá evidência da corrupção da sua natureza pecaminosa, a qual permanece nele até a morte.

Porque não conhecemos os corações dos outros, não devemos julgar motivos secretos (1Coríntios 4:5). É Deus quem julgará estes.

Somos proibidos também de julgar outros em coisas indiferentes (Romanos 14). Se a consciência de alguém lhe acusa ao fazer algo que eu faria normalmente, não posso julgá-lo como errado, conquanto suas ações não sejam contrárias à lei de Deus. Quer comamos ou não, bebamos ou consideremos um dia como santo, nossa escolha deve ser motivada pela fé e amor ao Senhor, e não devemos condenar as ações de outros em questões que são indiferentes. Sobre isso, Paulo diz em Romanos 14:13: “Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão”. O ponto de Paulo é que não podemos condenar a prática de um irmão cristão como errônea simplesmente porque não a praticaríamos desta forma.

Positivamente, devemos julgar se as práticas ou ensinamentos de outros estão de acordo com a lei e Palavra de Deus.

Que devemos nos precaver dos falsos profetas já foi mencionado (Mateus 7:15). Eis o nosso dever: “Não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1João 4:1). Devemos nos guardar contra aqueles enganadores e anticristos que “não confessam Jesus Cristo vindo em carne”; e não devemos receber em nossas casas aqueles que ensinam falsa doutrina (2João 7,10). Todos estes textos falam do nosso dever em distinguir a verdade da mentira. Nosso padrão neste respeito é Cristo e a Escritura, pois Cristo é a verdade (João 14:6), e a Palavra de Deus é a verdade (João 17:17). Após o cristão entender o que é a verdade e o que não é a verdade, ele deve confessar a verdade e se opor à mentira, bem como aliar-se com outros crentes e se separar dos enganadores.

Nosso dever com respeito às noções de outros também é clara. Devemos julgar o pecado como sendo pecado (1Coríntios 5:1ss). Nisso seguimos o exemplo de Jesus (Mateus 5:13ss). O padrão do nosso julgamento do pecado é a lei de Deus, pois Cristo nos ordena julgar “pela reta justiça” (João 7:24). Julgando o pecado, devemos também nos separar daqueles na igreja que persistem em seus pecados (1Coríntios 5:13).

Não devemos julgar os ensinoss errôneos ou pecados somente dos *outros*, mas devemos julgar também nossos *próprios* pecados e pensamentos errôneos. As advertências contra o julgamento hipócrita certamente torna clara a necessidade de fazer isso. Como as nossas ações igualam-se à lei de Deus? Como as nossas idéias se coadunam com o ensino da Escritura? Se não se igualam, o que faremos a respeito? Condenaremos a nós mesmos, ou continuaremos em nossos pecados, mantendo nossas idéias errôneas e insistindo que o padrão é falho?

### **De quem é o dever de julgar?**

Este dever de julgar cai sobre os crentes como indivíduos e sobre a igreja como um todo.

Ele cai sobre os crentes como indivíduos, porque eles são *aristãos*. Este título indica que somos participantes da unção de Cristo – que somos profetas, sacerdotes e reis. Particularmente como reis, lutamos contra o pecado e Satanás nesta vida (Catecismo de Heidelberg, P&R 32). Um aspecto da obra de um rei é julgar, tanto dentro como fora do seu reino. Dentro, ele julga se os seus súditos têm obedecido ou não às suas leis. Fora, ele julga (discerne) quem é o inimigo, e luta contra ele. Assim, o cristão, como rei, julga o pecado dentro de si mesmo bem como fora de si como sendo pecado, e luta contra o pecado e Satanás. O cristão, o filho de Deus, não hesitará em julgar como errôneo e expressar-se contra a imoralidade que pragueja nossa sociedade hoje. Usando a Bíblia como seu padrão, ele dirá: “Todo assassinato, incluindo o do aborto, é errado. Toda fornicção, incluindo a da homossexualidade, é errônea. Toda profanação do Dia do Senhor, incluindo a prática de esportes profissionais ou colegiais, e incluindo a compra e venda de mercadorias, é errônea”. Ele não tolera estas coisas. Além do mais, ele deve ser consistente neste respeito. Ele deve julgar como errôneo não somente o aborto e o homossexualismo, mas também o assassinato de homossexuais e daqueles que praticam o aborto. *Todo* pecado é errado!

Ele faz o mesmo com respeito à falsa doutrina. Ele julga como errônea a noção de que Cristo não é o único salvador. Ele nega que o amor de Deus irá, no final, prevalecer sobre sua justiça, e que toda pessoa será de alguma

forma salva. Ele repudia a noção de que judeus, mórmons, budistas, ou outros grupos religiosos, têm a verdade à parte de Cristo.

A igreja como um todo deve julgar também, através dos seus oficiais (pastores, presbíteros e diáconos). Na pregação da Palavra de Deus pelos pastores, ela deve expor a verdade contra a mentira, o caminho correto de viver contra o errado. Sobre a base da Palavra, o pastor deve julgar o certo como certo e o errado como errado. Na obra de disciplina da igreja que os presbíteros são chamados a exercer, o pecado deve ser julgado. Um membro que cometa um pecado grosseiro contra a lei de Deus deve ele mesmo julgar isto como sendo pecado, confessar e se arrepender. Os presbíteros devem julgar e disciplinar aqueles que falham em confessar o seu pecado e que permanecem impenitentes. Os presbíteros devem também guardar o púlpito, sujeitando a pregação do pastor ao teste da Escritura, e chamando a pregação de herética, se ela o for. Que a igreja deve julgar é evidente a partir de 1Coríntios 5, onde Paulo ordena que a igreja julgue o pecador, e se preciso for, remova-o do seu meio.

### Como devemos julgar?

Embora seja claro que é o nosso dever julgar, a questão de *como* julgar é importante.

Julgar usando um outro padrão que não a lei e a Palavra de Deus é errado. Usando o padrão da Palavra de Deus, devemos julgar o pecado como sendo pecado, sabendo que estamos certos mesmo que a sociedade nos acuse de intolerância. Nosso julgamento estará então de acordo com o julgamento de Deus no Dia do Julgamento, pois ele também usará sua lei e Palavra como seu padrão de julgamento. (Lembre-se que neste caso não estamos falando de pronunciar uma sentença – isto é, céu ou inferno – mas de se Deus achará ou não que certo ensino ou ação é certo ou errado).

Julgar hipocritamente é errado. Deveríamos julgar os outros somente após examinar nós mesmos. Isto não significa que não podemos julgar o outro por um pecado que uma vez tenhamos cometido; antes, significa que devemos estar certos de que nos desvencilhamos completamente do nosso pecado antes de podermos falar aos outros do pecado deles (Mateus 7:1-5).

Algumas vezes, por orgulho, imaginamos que nunca cometeremos os pecados que julgamos nos outros. Em outras ocasiões julgamos imprudentemente, não tendo examinado a evidência cuidadosamente o suficiente para saber se um pecado real foi ou não cometido. Ou podemos julgar com ignorância, julgando ações ou idéias de outras pessoas como errôneas simplesmente porque diferem do que sempre pensamos ser correto,

sem avaliar se os nossos pensamentos estão de acordo com a Escritura ou não. Todos os julgamentos assim são errôneos.

O julgamento apropriado deve ser feito com um espírito de humildade, em misericórdia e prontidão para perdoar, e de acordo com a lei de Deus. Ele requer de nós lembrar que também estaremos diante do tribunal de Cristo. Ele é feito também com autoridade e ousadia, pois Deus nos chama a fazê-lo, fazendo-nos participantes da unção de Cristo para que possamos julgar, e nos dando sua Palavra como o padrão pelo qual cumprimos tal chamado.

### **Que incentivo temos para julgar?**

O principal incentivo é o nosso amor a Deus. Por amor a ele devemos defender sua Palavra e lei. Falhar em julgar o pecado é tolerar o pecado. Mas Deus não tolera o pecado; antes, ele o odeia! Tolerar o aborto, o homossexualismo e o falso ensino é negar a Palavra de Deus e mostrar ódio pelo próprio Deus!

O segundo, e relacionado com o primeiro, é o fato de que seremos julgados. Deus nos julgará de acordo com nossas obras, quer sejam boas más. Julgar o mal com sendo bom nesta vida certamente trará sobre nós o seu julgamento de condenação e destruição eterna. Julgar o mal como sendo mal trará sobre nós o seu julgamento de inocência e vida eterna – não porque mereçamos isso por nosso bom julgamento, mas porque nosso julgamento correto é evidência de que o seu Espírito opera em nós todas as bênçãos da salvação, um das quais é o privilégio de testificar a verdade.

Terceiro, somos motivados a julgar por nosso desejo pela salvação do nosso próximo. Desejamos seu arrependimento! Desejamos sua submissão à vontade de Deus! Desejamos que ele fale a verdade como Deus a revelou! Assim, julgamos seu pecado como pecado, para que ele possa se arrepender. Paulo nos instrui com respeito a isto, quando diz que o objetivo que os coríntios deveriam ter, ao excluir o fornicador da comunhão, era a salvação do seu espírito no dia de Cristo (1Coríntios 5:5).

### **Conclusão**

**Julguemos então pela reta justiça! Persistamos nisso!**

Tal julgamento certamente trará sobre nós a ridicularização não somente do mundo, mas também de muitos que se chamam cristãos. Ela pode trazer sobre nós o desprezo até mesmo de irmãos ou irmãs, pais ou filhos, amigos e amados! Julgar com reta justiça não tornará as coisas fáceis

para nós nesta vida. Não aconteceu isso com Cristo – isso o trouxe à morte de cruz.

Contudo, devemos persistir em julgar corretamente, com a certeza que o julgamento *de Deus* não virá sobre nós por causa do nosso julgamento, e com o conforto que a condenação do mundo por julgarmos corretamente serve na realidade para a própria condenação dele no dia de Cristo.

Que o seu amor abunde mais e mais em todo conhecimento e em todo julgamento! Aproveemos as coisas que são excelentes! Então, pela graça de Deus, seremos instrumentos para sua glória e louvor.